

Museu Hermitage St. Petersburgo

Sérgio Lira
CEAA | UFP

O Museu Hermitage é conhecido por ser um dos maiores do mundo, senão o maior do mundo, depende dos critérios.... De facto, os russos dizem com algum indisfarçável orgulho que um visitante que use todo o tempo de entrada disponível e que se demore um minuto em cada objecto, demorará quase dez anos para conhecer todo o espólio. Se este é um motivo de orgulho ou se, pelo contrário é a prova de que tal museu é impraticável, ficará para outra discussão. Que o museu é grandioso, isso é indiscutível.

Uma parte importante do espólio do Hermitage resulta da actividade colecionadora dos últimos czars da Rússia, em particular Catarina II, que iniciou o que são as actuais colecções do museu, por meados do século XVIII. Nicolau I, ao longo do segundo e terceiro quartéis do século seguinte, prosseguiu a actividade aquisitiva, no que foi ainda imitado por Nicolau II, na viragem do século e antes da revolução de Outubro. Após esse evento, parte das colecções partiram do museu com destino a outros museus da URSS; durante a 2ª Grande Guerra o Hermitage viu as suas obras serem evacuadas para lá da linha de perigo, nos distantes Urais. Finalmente, após a guerra, o Museu retomou a sua política aquisitiva e, já nos finais do século, passou para o directo patrocínio do Presidente da Federação Russa. Dir-se-ia um regresso às origens da protecção do czar, não fossem as diferenças institucionais.

O edifício, aliás, os edifícios, onde está instalado o Hermitage, são palácios magnificentes. Construídos nas margens do rio Neva, os palácios mostram ao público do museu, ao simples passante ou aos habitantes da cidade, um face respeitável, ostentatória, de uma dignidade imperial indesmentível. Tanto as fachadas voltadas ao rio como, princi-

palmente, as voltadas à imensa praça defronte são uma visão de poder, de magnitude, de riqueza inigualável. O actual museu ocupa vários edifícios ligados entre si (o Palácio de Inverno, o Pequeno e Grande Hermitage, o Novo Hermitage e o Teatro) que geram um conjunto labiríntico de salas e corredores, em vários andares. Estes edifícios vão do barroco ao neoclássico, mas em todos a riqueza decorativa e a excelência dos materiais empregues é evidente. No interior, pelo contrário, contrastam os ambientes de um luxo exagerado, com salas de uma pobreza quase franciscana, que seriam geradoras de uma enorme sensação de decadência não fossem as telas expostas nas paredes serem das mais extraordinárias das colecções de arte da humanidade. Também nos níveis inferiores, onde se expõem colecções de arqueologia e não de arte, o ambiente geral é de degradação paulatina do edifício, dos materiais de exposição e das próprias colecções.

A entrada no museu é livre até ao átrio principal, já dentro do edifício. Livre, para quem percebe russo, porque para um turista desprevenido, pode haver algum equívoco: de facto, o museu tem portas voltadas ao Neva e portas voltadas à praça. Por aquelas só devem entrar os grupos organizados, enquanto estas servem os visitantes individuais. À porta, do lado do rio, militares armados fazem respeitar esta ordem, e não sabem explicar o que fazem noutra língua que não russo. Socorrem-se os turistas dos avisos afixados em inglês. Assim, a minha experiência de entrada no museu estava neste estádio, preparando-me para dar a volta ao edifício e entrar pelo outro lado, quando fui abordado por uma indígena que se identificou em inglês como guia turística e me propôs levar-me a entrar pela porta dos grupos: eu seria um grupo de um. Perguntei qual a minha vantagem, e fui rápida e eficientemente informado: a entrada ficava-me mais barata, e ela ganhava a respectiva comissão; para além disso ainda me daria informações precisas acerca da melhor forma de visitar o museu e fornecer-me-ia uma planta para minha orientação. Feitas as contas de cabeça rapidamente, a oferta era verdadeiramente vantajosa, e entrei como grupo com a minha guia, que me comprou o bilhete e me levou até aos vestiários (de aspecto algo lúgubre) e depois até uma mesa de um pequeno bar (bem mais airoso) onde me deu as indicações e a planta prometidas. Entretanto tínhamos passado as barreiras de

segurança, onde a sua presença retirou qualquer obstáculo de verificação de bilhetes. Toda esta área de entrada tem um aspecto verdadeiramente moderno, com alguns pontos de informação *multimedia* e com quiosques onde o visitante pode alugar guias *audio* individuais para a sua visita.

Na posse da planta do museu, um desdobrável clássico mas suficientemente esclarecedor, facilmente se percebe que é impossível visitar o museu todo. Há que escolher. E como ali estava com menos que dez anos disponíveis para a visita, resolvi fazer um percurso abrangente, que me desse uma ideia geral de todo o museu, sem me deter em qualquer colecção em especial. Subi ao topo do edifício, e percorri salas e corredores, de cima para baixo, tentando de vez em quando encontrar com a ajuda da planta uma sala em particular ou uma colecção em especial. Não é difícil consegui-lo; a única real dificuldade consiste nas grandes distâncias a percorrer, pelo que um visitante pouco organizado se arrisca a uns bons quilómetros a pé dentro do museu.

O Museu está organizado por colecções, em função da época cronológica, do estilo das obras, do autor e da geografia de proveniência. Para encontrar um quadro de Da Vinci será necessário procurar pintura italiana do século XV, ou obras da Renascença Italiana. A legenda da planta fornece estas indicações de maneira suficientemente precisa; em alguns casos, de autores especialmente significativos, indica também as salas onde se podem encontrar as suas obras. Desta forma, nos andares superiores do museu, onde imperam as artes plásticas, o visitante sente-se num ambiente agradável e de acessível orientação. Algumas das salas são de um luxo exagerado, contrastando com outras de uma pobreza indistigável, onde um bom pano de pó e um lata de tinta teriam com toda a certeza muita utilidade. Em todas as salas, estão presentes “guardas”: normalmente senhoras de alguma idade, em cadeiras periclitantes, com caras de uma tristeza ou enfado que nem tentam ocultar.

Descendo às salas e corredores destinados à arqueologia (pré-história, épocas clássicas) o ambiente muda radicalmente. Aqui as paredes mostram com mais evidência a degradação, as vitrines têm muito mais pó, os objectos estão obviamente abandonados à exposição há várias dezenas de anos sem qualquer tipo de intervenção subsequente. As legendas são muito pobres, a interpretação escassa, o

labirinto mais denso. Algumas passagens indicadas na planta estão vedadas, obrigando a retroceder no mesmo caminho já feito, na tentativa de descortinar maneira de aceder às salas que se deseja visitar. Algumas estão mesmo fechadas ao público.

A visita termina onde começou, no átrio principal. Há ainda acesso à loja, onde uma colecção relativamente reduzida de postais da cidade e algumas reproduções das colecções do museu são completadas com alguns artigos eminentemente turísticos e com artigos relativos ao espólio do museu. Não é, verdadeiramente, uma loja excepcionalmente rica, como o *site* Internet pode levar a pensar, mas tem uma variedade interessante de artigos à disposição do público, alguns com evidente requinte.